

**Denise Batista Pereira Jorge**

**A TRAIÇÃO COMO DESÍGNIO:  
UMA ABORDAGEM SIMBÓLICA**

**Clínica Paeon – Unisal  
São José dos Campos  
2010**

**Denise Batista Pereira Jorge**

**A TRAIÇÃO COMO DESÍGNIO:  
UMA ABORDAGEM SIMBÓLICA**

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Analítica, sob a orientação do Prof. Dr. José Jorge de Moraes Zacharias.

**Clínica Paeon – Unisal  
São José dos Campos  
2010**

---

Jorge, Denise Batista Pereira

A Traição como desígnio: uma abordagem simbólica. / Denise Batista Pereira Jorge – São José dos Campos: Clínica Paeon – Unisal, 2010. 59 f.

Monografia (Pós-Graduação Lato-Sensu). Clínica Paeon – Unisal - SP  
Orientador: Prof. Dr. José Jorge de Moraes Zacharias.  
Inclui bibliografia.

1. Traição 2. Individuação 3. Interpretação Simbólica.

---

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela vida e pela possibilidade de aprender e aplicar meus conhecimentos em busca do sentido da vida.

Agradeço ao meu esposo Rodolfo e às minhas filhas, Aimée e Yasmin por compreenderem minhas ausências e me apoiarem durante a realização deste trabalho.

Agradeço meu orientador José Jorge de Moraes Zacharias pelas sugestões dadas para a realização deste trabalho e também pelos conhecimentos compartilhados durante o período de elaboração do mesmo.

Agradeço à Rosana Pena pela oportunidade de cursar a esta pós-graduação.

E, como decidi ser fiel a mim mesma, não poderia deixar de agradecer a mim, pelo esforço de empreender o meu processo de individuação.

*A nossa tarefa é então a de encontrar ou “inventar” o nosso espaço, o qual não se encontra ao alcance da mão, nem é concedido como imediatamente visível, mas é algo indefinível, abstrato e fugidio.*

*(CAROTENUTO, 2004, p. 40)*

## RESUMO

Devido ao que Jung denominou lei de compensação do destino, a existência e a autonomia do ser humano estão condicionadas antes mesmo do seu nascimento ao fato de seus pais o imaginarem como possibilidade de realizar os desejos e as fantasias não vividos por eles mesmos. Isso pode se transformar numa prisão psíquica, como se a pessoa já nascesse com suas particularidades roubadas, despojada da própria individualidade. A criança cresce acreditando que precisará agradar o outro para garantir que receberá amor e não ser abandonada. Consequentemente ela tenderá a tornar-se incapaz de reconhecer os próprios desejos e de lutar para realizá-los, terá dificuldades para dizer não aos outros e para defender seus pontos de vista. Mesmo crescendo será muito difícil escapar desta prisão, pois existe um custo muito alto para que se possa ser fiel à própria unicidade: a expectativa da solidão e da exclusão. Entretanto, enquanto a pessoa não for capaz de contemplar a discrepância existente entre o que ela deseja e o que ela vivencia, enquanto ela não se conscientizar de sua tarefa existencial, receberá o convite do *Self* através dos conflitos existenciais. Cumprir esta tarefa implica um encontro com a própria sombra e um aprofundamento em direção a lugares aonde se prefere não visitar, assumindo um nível mais elevado de responsabilidade perante a própria vida. Nascemos traídos e com a necessidade de trair para crescermos: ou se trai o outro deixando de tentar agradá-lo e seguindo a orientação do *Self* que impulsiona para a individuação, ou se trai a si mesmo, permanecendo distanciado do próprio desígnio. Neste trabalho será realizada uma interpretação simbólica da traição, aqui considerada uma necessidade psíquica, um convite do Si-mesmo para o amadurecimento. Somente traindo haverá oportunidade de ruptura com os ditames do coletivo e possibilidade de ampliação da consciência e de renascimento.

**Palavras Chaves:** Traição; Individuação; Psicoterapia; Alma; Interpretação Simbólica.

## SUMÁRIO

Introdução	7
1- O desenvolvimento da personalidade	12
2- O processo de individuação: resgate da alma	20
3- A psicoterapia e o processo de individuação	30
4- Uma leitura simbólica da traição	36
4.1- Traição a si mesmo	37
4.2- Traição ao outro	41
Conclusão	53
Referências	57

## INTRODUÇÃO

Embora a traição seja um fenômeno presente entre os homens desde os primórdios de sua existência, ainda existe muito preconceito e receio ao se abordar este assunto e o mesmo levanta muitas polêmicas. As motivações para a realização deste trabalho vêm de encontro às palavras de Carotenuto (2004):

Eu ao contrário, penso que o que cria maiores danos são justamente o desconhecimento e a indiferença, ao passo que sondar e tentar esclarecer os movimentos psíquicos que geram, fomentam ou rejeitam a traição é de grande utilidade para se viver cada experiência [...] compreendendo-a e elaborando-a, e não só deixando-se dominar por ela (p. 7).

No dicionário da língua portuguesa encontram-se os seguintes significados para a palavra trair: “enganar por traição; ser infiel a; denunciar, delatar; tornar evidente ou óbvio aquilo que se devia ou queria ocultar; revelar-se”. É possível observar a ambiguidade presente nestes significados uma vez que “enganar” tem uma conotação negativa, mas “revelar” pode ser considerado algo positivo no sentido de abertura para o novo e possibilidade de transformação.

### A palavra traição

[...] se impõe à nossa atenção como antiética e dolorosamente dialética. A linguagem comum dá testemunho preciso dessa antítese dialética dos significados inerentes à área semântica da traição. Dizemos, por exemplo, que o tradutor traiu o pensamento do autor ou que o entrevistador traiu o pensamento do entrevistado, em suma, o deturpou, o falseou. Dizemos também, legitimamente, que um gesto traiu o pensamento oculto de alguém, que o revelou e nos disse a verdade. Portanto, o falso como traição e o autêntico como traição. [...] É essa ambiguidade que nos permite afirmar que se pode “trair” sem trair, faltar a um pacto, mas em nome de uma fidelidade mais alta ou mais profunda (p.27).

Este autor realizou uma análise etimológica e semântica do termo e apontou que traição tem origem no latim *tradere*, cujo significado era apenas “entregar”, mas quando foi associado à entrega de Jesus aos inimigos por parte de Judas o termo recebeu uma conotação negativa. A palavra “traio” derivada de *trado*, significa o ato de entregar alguma coisa nas mãos de alguém, de transmitir-lhe algo. O verbo se



*tradere* significa “abandonar-se a alguém, dedicar-se a uma atividade”. O substantivo *traditio* corresponde a “entrega, ensinamento, narração”. Por fim, *traditor* que é o “agente da traição” significa tanto o traidor como aquele que ensina. Esta análise ajuda a compreender a origem e o sentido da ambiguidade associada à traição.

Carotenuto (2004) afirma que todos os acontecimentos da vida podem ser analisados sob o ponto de vista da traição.

A vida como traição é chave de leitura de todos os fenômenos de nossa existência. Abre-nos um horizonte diferente e fecundo, e à sua luz podemos tentar ler a amizade e o incesto, o matrimônio e a família, a morte que vem ao nosso encontro e a morte que escolhemos encontrar. (p. 36)

Durante a existência de uma pessoa muitas são as vivências de traição. No momento do nascimento ela é experimentada pela primeira vez, quando mãe e filho vivenciam a angústia fundamental da separação. A criança passa por um grande trauma ao ser expelida do útero materno, dentro do qual experimentava uma dimensão “oceânica”, vivendo na segurança e no conforto e de repente vê-se expulsa desse paraíso. A interrupção desta simbiose é um acontecimento que permeará toda a existência e a constituição da personalidade do indivíduo, não podendo sequer ser verbalizada, formulada ou elaborada intelectualmente pela criança.

Outra forma de traição vivenciada pela criança decorre do que Jung denominou lei de compensação do destino, através da qual um filho é pensado e imaginado pelos pais ainda antes de nascer como sendo a possibilidade de realizar os desejos e as fantasias não vividos por eles mesmos. Tais imagens tornam-se uma prisão psíquica por excelência, como se a criança já nascesse com as suas particularidades roubadas, despojada da própria individualidade e com o dever de representar a fantasia de outrem. A criança cresce acreditando que precisa agradar

os outros para garantir que receberá amor, admiração e não será abandonada. Consequentemente ela terá dificuldades para dizer não aos outros e para defender seus pontos de vista.

Pode-se falar sobre traição também em termos endopsíquicos e esta ocorre quando a pessoa remove para o inconsciente tudo aquilo sobre si mesma que considera impróprio ou inferior, nega os seus desejos e tenta ocultá-los na sombra. Porém, ao ocultar sua sombra a pessoa está enterrando junto com ela os seus tesouros, e passará a viver fragmentada e eternamente ameaçada por esse inimigo interno invisível. Ocultando o que há de melhor em si - os seus talentos e as suas habilidades - a pessoa se sentirá desvalorizada e será incapaz de tomar posse de sua vida.

As formas de traição citadas acima são aqui consideradas como traição a si mesmo e representam o avesso daquilo que o senso comum reconhece como traição. A traição mais conhecida e repudiada é a traição ao outro, que poderá ocorrer entre amigos, familiares, colegas de trabalho e, em especial nas parcerias amorosas.

Do ponto de vista da psicologia analítica, uma vez que ocorra a traição dentro dos relacionamentos amorosos, embora resulte em sofrimento, ela poderá ser de grande relevância para o processo de desenvolvimento psíquico dos envolvidos, uma vez que aponta aqueles fatores que estão sendo negligenciados e precisam ser trabalhados para se obter a ampliação da consciência.

Na modernidade observa-se uma ambivalência constante nos seres humanos quando o assunto é relacionamento. Por um lado os vínculos entre as pessoas são frágeis, as atenções tendem a se concentrar na obtenção de prazeres imediatos.

Neste panorama, o desejo de desfrutar “coisas” novas e diferentes justifica e até estimula a traição ao parceiro.

Por outro lado, o sentimento de insegurança vigente impele as pessoas à busca por apertar esses laços, o que poderá gerar relações de dependência afetivas entre as mesmas, num esforço constante para agradar o outro como tentativa de garantir que não será abandonado. É comum no panorama atual deparar-se com mulheres esquecidas de quem são, que vivem tentando agradar o masculino, na figura do pai, do professor ou de uma autoridade.

O objetivo deste trabalho é realizar uma interpretação simbólica da traição considerando a mesma como um convite do Si-mesmo para o amadurecimento e como uma possibilidade de resgatar a alma.

É importante ampliar os conhecimentos sobre este fenômeno, uma vez que ele ocorre com muita frequência nos relacionamentos atuais e, muitas pessoas têm buscado ajuda de um psicoterapeuta, seja para uma terapia de casal- na tentativa de reconstruir o relacionamento – seja na terapia individual – buscando maneiras de superação do ocorrido. Somente conhecendo como ele se manifesta e quais são as implicações do mesmo na existência dos envolvidos será possível trabalhar para a reconstrução e o crescimento psíquico dos mesmos.

Além disso, o tema é relevante, pois, a ampliação do conhecimento nesta área possibilitará ao psicoterapeuta ajudar os pacientes em seus processos de individuação, levando-as a reconhecer a traição como uma “lei cármica”: ou se trai o outro, deixando de tentar agradá-lo e realizando seus desejos inconscientes ou se trai a si mesmo, mantendo-se distanciado de seu desígnio.

Diante de pessoas que vivenciam a traição deve-se procurar compreender as motivações inconscientes dos envolvidos - isento de juízos de valor e preconceitos –

bem como entender o significado do fato, ajudando-os a aproveitar o ocorrido para o desenvolvimento psíquico. “O trabalho do psicoterapeuta é acompanhar, sem interferência, uma pessoa em seu caminho na vida. Escutar, revelar, descobrir a pluralidade de sentido inerente a qualquer situação existencial que ela vive [...]” (PATTIS, 2001, p.15).

No capítulo 1 será descrito como ocorre o desenvolvimento da personalidade do ponto de vista da psicologia analítica. O capítulo 2 aborda o resgate da alma no decorrer do processo de individuação. O capítulo 3 descreve a psicoterapia como coadjuvante e impulsionadora do processo de individuação. No capítulo 4 será feita uma interpretação simbólica da traição, promovendo uma reflexão sobre os limites e as possibilidades de desenvolvimento psíquico das pessoas envolvidas.

## 1- O DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE

Segundo WHITMONT (2000, p. 235), Jung inovou o conceito de desenvolvimento da personalidade deslocando a noção de personalidade centrada no ego para o conceito de personalidade determinada pelo inconsciente. Sendo assim, “[...] uma evolução contínua avança como interação entre uma personalidade realizada centrada no ego e uma inteireza potencial centrada no *Self*”.

Para facilitar a compreensão do processo de desenvolvimento da consciência é importante ter em mente os conceitos de ego e *Self*.

*Ego* ou Eu significa o

[...] complexo funcional de representações que constituem o centro da consciência e que o sujeito experimenta como idêntico e contínuo consigo mesmo. Enquanto complexo de representações conscientes, o Eu contém tudo aquilo que o sujeito sabe de si próprio, ou seja, todas as características do seu modo de ser que ele aceita porque estão de acordo com os princípios, os ideais e os valores do contexto social em que o próprio sujeito se reconhece. (PIERI, 2002, p.187)

*Self* ou Si-mesmo é o centro da personalidade. Este termo foi usado

[...] para designar esse substrato inconsciente, cujo expoente real na consciência é o ego. O ego está para o *Self* como o que é movido para o que move, ou como o objeto está para o sujeito, porque os fatores determinantes que se irradiam do *Self* circundam o ego de todos os lados e são, portanto, supra-ordenados em relação a ele. Assim como o inconsciente, o *Self* é um existente *a priori* a partir do qual o ego se expande. Ele é uma prefiguração inconsciente do ego. Não sou eu que crio a mim mesmo, mas sim acontece para mim mesmo (JUNG, 2007b, p. 58)

“Pode-se representar a psique como um vasto oceano (inconsciente) no qual emerge pequena ilha (consciente)” (SILVEIRA, 2006, p. 63). O consciente é a área na qual se processa a relação entre conteúdos psíquicos e o ego e, para que qualquer conteúdo torne-se consciente, ele terá necessariamente de relacionar-se com o ego. O ego poderá encontrar uma posição apropriada de parceria com o *Self*

em um sistema de cooperação mútua estabelecendo o que se denomina eixo ego-Self.

A consciência é produto da percepção e da orientação no mundo externo, e esta pode apreender poucos dados simultâneos enquanto tudo mais fica inconsciente naquele dado momento. O inconsciente é o elemento inicial do qual brota a consciência (JUNG, 2004a).

Na criança, a consciência “emerge das profundezas da vida psíquica inconsciente, formando no começo como que ilhas isoladas, as quais aos poucos se reúnem em um *continente*, para formar uma consciência coerente” (JUNG, 2002b, p. 195), em um processo gradativo de ampliações.

No estágio infantil da consciência a criança ainda depende inteiramente dos pais, como se ela ainda não tivesse nascido inteiramente. O nascimento psíquico e, conseqüentemente a diferenciação consciente em relação aos pais só ocorrem na puberdade, a partir da irrupção da sexualidade.

Quando “as exigências da vida interrompem bruscamente o sonho da meninice” (p. 341), a tendência é o indivíduo adaptar-se, limitando-se e renunciando a suas potencialidades psíquicas. Para avançar na vida a pessoa apoia-se em determinados pressupostos, muitas vezes falsos, e em expectativas exageradas que podem provocar problemas, mesmo quando aparentemente a adaptação ao mundo tenha se realizado sem grandes esforços.

Jung (2007a) afirma que o desenvolvimento da consciência passa inevitavelmente pela diferenciação em relação à mãe, aos pais ao coletivo em geral, e isso gera na pessoa um estado de nostalgia de um mundo perdido, uma tendência ao recuo ou à regressão aos tempos da infância, sempre que surgirem conflitos decorrentes de uma necessidade de adaptação.

O processo de desenvolvimento da vida psíquica é gradativo e ocorre por meio de ampliações da consciência, podendo haver estacionamento ainda nas etapas iniciais.

Segundo Whitmont (2000), este processo pode ser dividido em três estágios. O primeiro estágio é a infância, na qual uma identidade total e não diferenciada vai lentamente se desintegrando. O ego e o *Self* vão gradualmente saindo da situação de identidade e os elementos do meio ambiente interagindo com potenciais arquetípicos para produzir uma primeira personalidade real.

Nesta identidade não há nada de “místico”, como também não é absolutamente místico o metabolismo existente entre a mãe e o embrião. Essa identidade provém essencialmente do estado de inconsciência em que se encontra a criança pequena, fato que é conhecido de todos. (...) A falta de consciência é que origina a indiferenciação. Ainda não existe o “eu” claramente diferenciado do resto das coisas, mas tudo o que existe são acontecimentos ou ocorrências, que tanto podem pertencer a mim como a qualquer outro (JUNG, 2002b, p. 45).

Devido à existência de um ego indiferenciado do *Self*, ocorre nesta fase o que Jung denominou *participação mística*, indicando a capacidade infantil de conectar-se com as demais pessoas via inconsciente. Desta maneira, a criança vive muito daquilo que seus pais não vivem conscientemente e que, por se tratarem de conteúdos na grande maioria das vezes inconscientes, são vividos em forma de sintomas que perturbam a criança e seus pais.

No segundo estágio - fase da vida média ou idade adulta - a pessoa torna-se capaz de diferenciar-se, constituindo um ego forte e maduro, resultando na separação entre ego e *Self*.

[...] A fase adulta é governada pela preocupação do ego com a adaptação à realidade externa, com as pessoas e as coisas, principalmente em virtude do impulso de poder que luta para satisfazer às suas necessidades de sobrevivência e controle competitivo, e evitar o desprazer. Essa é a época do controle monárquico do ego, controle que repousa num sentido de permanência, independência e racionalidade, que é estruturado e se mantém unido através da autodisciplina. (WITHMONT, 2000, p. 247).

O último estágio – a velhice - é a fase do *retorno* e nesta haverá o preenchimento e a realização do potencial da personalidade, pressupondo-se um movimento rumo à totalidade do indivíduo. “Agora as repressões da primeira metade da vida que serviam ao desenvolvimento do ego já não podem mais ser mantidas. Agora será apresentada a conta daquilo que se evitou nos anos anteriores.” Muitos questionamentos surgem nesta etapa da vida, dentre eles sobre o significado da existência, a construção da própria história e a direção escolhida para a vida.

As exigências do inconsciente não forçam mais a adaptação externa – a menos que, naturalmente, as necessidades da fase precedente não tenham sido atendidas de forma adequada. [...] A psique objetiva, o transpessoal, o infinito, tal como se manifesta no aqui e agora como um anseio de reconhecimento individual em termos do mito de ser da pessoa, deve ser encarada conscientemente. A exigência de adaptação dirige-se para o Self como uma realidade transpessoal simbólica e um mistério (p. 251)

O desenvolvimento psíquico é, portanto, uma necessidade do ser humano e o seu inconsciente impulsiona-o para essa meta. “É indispensável que em cada indivíduo se produza um desmoronamento, uma divisão interior, que se dissolva o que existe e se faça uma renovação [...]” (JUNG, 2005, p. IX).

Não se vive por um período excessivamente longo no ambiente infantil, no seio da família, sem certo perigo para a saúde mental. A vida chama o indivíduo para a independência, e quem não atender a este chamado, por comodidade e temor infantis, está ameaçado de neurose. E se esta uma vez se instalou, ela cada vez mais se torna motivo para fugir da luta com a vida e permanecer para sempre na atmosfera infantil moralmente envenenada (JUNG, 2007a, p. 296)

Jung denominou este processo de amadurecimento da personalidade de individuação, que significa:

[...] tornar-se um ser único, na medida em que por “individualidade” entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que *nos tornamos o nosso próprio si-mesmo*. Podemos pois traduzir “individuação” como “tornar-se si-mesmo” (Verselbstung) ou “o realizar-se do si-mesmo (Selbsverwirklichung)” (JUNG, 2004c, p. 49).

O indivíduo pode desenvolver-se por meio da consideração crítica de si mesmo e de seu destino, mas, frequentemente,



Ninguém desenvolve sua personalidade porque alguém lhe disse que seria bom e aconselhável fazê-lo. [...] Sem haver necessidade, nada muda e menos ainda a personalidade humana. Ela é imensamente conservadora, para não dizer *inerte*. Só a necessidade premente consegue ativá-la. Do mesmo modo o desenvolvimento da personalidade não obedece a nenhuma consideração, mas somente à *necessidade*; ela precisa ser motivada pela coação de acontecimentos internos ou externos. (Jung, 2002b, p. 178)

Nas palavras de von Franz (1980 *apud* WOODMAN, 1999, p. 42): “O único modo como o Si-mesmo pode se manifestar é através de conflitos.” Os conflitos podem ser considerados como um convite do inconsciente para o crescimento psíquico. A partir deles as pessoas

[...] recebem a possibilidade de renascer em uma vida diferente. Por intermédio dos fracassos, dos sintomas, do sentimento de inferioridade e de problemas incomensuráveis, são instigados a renunciar aos apegos existenciais que, para elas, acabaram tornando-se redundantes. A possibilidade de renascer constela-se com o colapso de tudo que existiu antes. (p. 37)

Quando uma pessoa é intimada a distanciar-se dos desejos do ego e a renunciar ao que antes a protegia, ela se depara com o medo da mudança. O ego sente como se estivesse trabalhando contra si mesmo e tende a fixar-se em perspectivas rígidas, rejeitando aquilo que é novo, discordante e dialético.

A dependência da infância precisa ser abandonada em favor do domínio de si e da criatividade na vida adulta. O anseio por existência livre de problemas precisa ser posto de lado em favor da aceitação madura da responsabilidade. Essas mudanças constituem não apenas a ativação da consciência como também uma forma de escolha. Todos são intimados a crescer; nem todos estão à altura da Tarefa (HOLLIS, 2008, p. 93).

No entanto, enquanto a pessoa se negar a escutar os avisos do inconsciente e não se prontificar a examinar suas necessidades interiores, o inconsciente atuará como um inimigo.

Se desconsiderarmos ou ignorarmos os anseios, exigências e necessidades do inconsciente, descobriremos que ele não está em posição de compensar de forma construtiva ou de contribuir dentro de um âmbito dinâmico, mas que é forçado a perturbar e a sabotar, a compensar de forma destrutiva. Por outro lado, se pudermos levar em consideração os elementos e as necessidades do Self – considerando-o no seu sentido mais amplo, como é expresso na psique objetiva – [...] então o inconsciente apresentará a tendência de cooperar. Embora possamos não estar em posição de atender as exigências interiores, o fato de prestarmos atenção a elas acarretará uma resposta mais cooperativa que perturbadora (WITHMONT, 2000, p. 257).

Diante dos conflitos, é importante perguntar qual é a tarefa implícita no mesmo: Obter permissão? Deixar uma dependência? Encontrar coragem para ser livre e responsável diante do universo? Em todos os casos há um desafio para crescer e empreender sua jornada com uma maior consciência e, embora essa expansão pareça aterrorizante, ela é também libertadora e trará dignidade e significado à vida (HOLLIS, 2006).

Poucas pessoas escolhem se empenhar no desenvolvimento da própria personalidade porque isso exige muita coragem e perseverança e, além disso, aquele que decide fazer isso não é visto como popular e nem simpático. A maioria “não escolhe seu próprio caminho, mas a convenção; por isso não se desenvolve a si mesma, mas segue o método, que é algo de coletivo, em prejuízo da totalidade própria” (JUNG, 2002b, p. 180). Porém,

A personalidade jamais poderá desenvolver-se se a pessoa não escolher *seu próprio caminho*, de maneira consciente por uma decisão consciente e moral. [...] Somente será possível que alguém se decida por seu próprio caminho, se *esse caminho for considerado o melhor*. [...] Os outros caminhos são as convenções de natureza moral, social, política, filosófica e religiosa (p.179).

O desenvolvimento psíquico implica que o indivíduo seja fiel à sua própria lei e confie no impulso direcionador do *Self*, na sua voz interior - a voz de uma vida mais plena e de uma *consciência* mais ampla e abrangente. Em outras palavras, implica que o indivíduo encontre o seu desígnio,

um fator irracional, traçado pelo destino, que impele a emancipar-se da massa gregária e de seus caminhos desgastados pelo uso. [...] Quem tem designação (*Bestimmung*) escuta a voz (*Stimme*) do seu íntimo, está designado (*bestimmt*) (JUNG, 2002b, p.181).

Para tornar-se personalidade é preciso ser capaz de dizer um “sim” *consciente* ao poder da destinação interior que se lhe apresenta; quem sucumbe diante dela fica entregue ao desenrolar cego dos acontecimentos e é aniquilado (p. 185).

Pode-se associar o processo de individuação a uma jornada heróica. “[...] Dentro da mitologia, o nascimento de um herói ou seu renascimento simbólico costumam coincidir com o nascer do sol; é que o formar-se da personalidade equivale a um *aumento da consciência*.” (p.190)

A missão do herói é inescapável. [...] Cada um de nós tem um encontro marcado consigo mesmo, embora a maioria de nós nunca apareça para o encontro. Aparecer nesse encontro, e lidar como o que quer que deva ser encarado nos precipícios do medo e da dúvida íntima, essa é a missão do herói (HOLLIS, 2006, p. 75).

Na modernidade a vida se constitui de impulsos momentâneos, de ações de curto prazo. Vive-se dando as costas para o futuro. Neste contexto, as pessoas sentem-se aniquiladas e sem forças para amadurecer e cumprir sua missão.

As forças que se opõem à nossa missão do herói são impressionantes e óbvias. [...] Mas as forças internas são ainda mais impressionantes e humilhantes. Elas são encarnadas em nossos medos, nossos desejos de conforto e abundância, nosso anseio de nos afogarmos em nossas origens, de cair novamente na inconsciência, de terminar esta jornada apavorante de finais incertos e sofrimento constante (p. 72).

Responsabilizar-se por si mesmo é uma tarefa que pouquíssimas pessoas conseguem empreender, pelo fato de exigir um esforço heróico. Porém, quando o indivíduo tem a coragem de alinhar as escolhas conscientes com os objetivos da individuação, quando ele se empenha para tornar aquilo que está destinado a ser, ocorre a libertação e a existência fica preenchida de significado.

Se, ao contrário, o indivíduo se mantém dominado pelo medo e não empreende sua missão pessoal haverá um fracasso de sua jornada pessoal.

A ambivalência que se sente perante essa missão é compreensível, pois ela sempre significa sair de um lugar conhecido e mais seguro para um lugar menos conhecido, presumivelmente menos seguro. [...] Nós muitas vezes nos encontramos sendo levados a esse novo lugar, sendo tirados da segurança e da proteção, em direção a uma agenda perigosa, mas que nos desenvolve (HOLLIS, 2006, p. 75).

O medo e a resistência ao crescimento são inerentes ao processo de crescimento. A questão é se a atitude de fuga da vida permanece como conduta geral e a dependência se mantém.

Evoluir dessa posição de imaturidade psicológica para a coragem de auto-responsabilidade e confiança exige morte e ressurreição. Esse é o motivo básico do périplo universal do herói – ele abandona determinada condição e encontra a fonte da vida que o conduz a uma condição mais rica e madura (CAMPBELL, 1999 *apud* SILVA e SOARES, 2001, p. 120).

Ser incapaz de dizer sim a si mesmo é trair-se e perder a própria alma. No capítulo seguinte será abordado o processo de individuação proporcionando o resgate da alma, tarefa árdua e que exige muita coragem e determinação. Será apresentada também uma revisão bibliográfica dos principais conceitos da psicologia analítica relacionados a este processo.

## 2- O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO: RESGATE DA ALMA

O conceito de alma é ambíguo e resiste a qualquer definição. A alma é um símbolo e seu significado somente poderá ser compreendido em um contexto simbólico que forneça as metáforas básicas para o pensamento humano. Fala-se que a alma está “confusa”, é “idososa”, “desencarnou”, é “imortal”, está “perdida”, é “inocente” ou “inspirada”.

Do ponto de vista da lógica, da teologia e da ciência, essas afirmações devem ser provadas e discutidas. Do ponto de vista da psicologia, elas são cada uma em si mesma e todas elas posições verdadeiras, na medida em que são afirmações sobre a alma feitas pela alma (HILLMAN, 2009, p. 56).

Embora o homem moderno sinta-se pouco à vontade ao usar este termo, o mesmo embasa e influencia a psicologia profunda, para a qual

Os termos “psique” e “alma” são intercambiáveis, embora haja uma tendência de se escapar da ambiguidade da palavra “alma” recorrendo-se ao termo “psique”, mais moderno e mais biológico. “Psique” é usada mais como concomitante natural da vida física, talvez a ela redutível. “Alma”, por outro lado, tem matizes metafísicos e românticos. Compartilha fronteiras com a religião (p. 58).

De acordo com Hollis (2006):

*Psyqué* é a palavra grega para ‘alma’, e etimologicamente ela possui raízes gêmeas: uma a ‘borboleta’ cujas permutações misteriosas, belas, porém elusivas, metaforicamente dramatizam nossa experiência da alma; e a outra, do verbo ‘respirar’, é análoga ao vento invisível que penetra o corpo na hora do nascimento e parte na hora da morte (p.11).

A presença da alma pode ser detectada por meio da emoção que dá à pessoa a percepção de que ela não está sozinha, de que existe uma outra pessoa em seu interior - mesmo que seja apenas um complexo consciente - que freqüentemente também tem muita coisa a dizer quanto ao seu comportamento, a qual não se pode controlar totalmente (HILLMAN, 2004).

Sempre houve discussão em torno do lugar onde se localiza a alma e hoje, a teologia tem se voltado para dentro, para o interior do homem, como resposta a esta questão. Desta maneira, voltando-se para dentro do ser, pode-se falar em procurar a

alma no inconsciente, já que este está fenomenologicamente localizado dentro da profundidade.

O inconsciente é, portanto, a porta através da qual se pode resgatar a própria alma, já que, por meio dele fatos comuns tornam-se experiências profundas, que adquirem alma e significado através das emoções despertadas nas mesmas. “Não devemos estabelecer a sua existência, nem tampouco a da alma, através de discussões, leituras ou qualquer outra prova direta. Nós tropeçamos em sua realidade [...]” (HILLMAN, 2004, p. 50).

Diante disso, buscar a alma implica entrar em contato com aspectos desconhecidos e sombrios da personalidade.

Se descobrirmos ser a localização da alma – e da experiência de Deus – sombriamente interior e de sentido descendente, devemos estar preparados para uma viagem perigosa. As posições inferiores (o escuro, o baixo e o profundo) são domínios do Diabo e de seu séquito de demônios. Descer significa caminhar por um labirinto [...] esse caminho leva à confrontação com tudo aquilo que foi rebaixado ao longo dos séculos [...] (p.50).

A alma - processo misterioso através do qual se vivencia o movimento em direção ao significado - está sempre presente, mesmo que a pessoa não esteja consciente disso. Onde quer que se perceba a presença da profundidade: no cosmo, na natureza, nos outros ou no *eu*, encontra-se no recinto da alma (HOLLIS, 2006).

O fato de a vida em sociedade exigir que a consciência mantenha uma atividade concentrada e dirigida acarreta o risco de um distanciamento do inconsciente e uma vivência na unilateralidade. A tendência é que a pessoa torne-se incapaz de reconhecer os próprios desejos ou passe a vida tentando abafá-los, traindo a si mesma. Isso indica que ela apenas passa pela vida, não vive em profundidade, o que pode ser entendido como a perda da alma.

Desviar-se desse caminho, único e irreduzível, da individualidade significa tornar-se artífice ativo de uma traição e entregar-se como covarde ao poder da “civilização” que nos circunda, aos seus modelos e aos seus valores, sem verificá-los pessoalmente. (CAROTENUTO, 2004, p. 48)

Pode-se perder e realmente se perde a própria alma, ao menos esta pode estar temporariamente desviada ou confusa, porque rompe-se a ligação profunda e vertical com as raízes arquetípicas.

Os antropólogos descrevem uma condição que é denominada “perda da alma” pelos povos primitivos. Quando isso acontece, a pessoa fica fora de si, incapaz de encontrar tanto a conexão interior consigo própria quanto a exterior com a humanidade. [...] As coisas estão mortas para ela, e ela para as coisas. [...] Ela não será mais um ser humano enquanto não conseguir recuperar a alma. [...] O seu mito pessoal e a ligação com o mito maior de seu povo enquanto razão de ser encontram-se perdidos. O que ela tem não é uma doença, e também não está fora de seu juízo. Essa pessoa simplesmente perdeu a alma. E pode até morrer (HILLMAN, 2004, p. 42).

“Sem um certo sentido de alma haverá, logicamente, enormes confusões de ordem moral, incertezas na ação e decisões que se apresentam perfeitas em nível racional, mas não válidas no enfoque psicológico” (p. 48)

A perda da alma deixa a pessoa com a sensação de estar fora de si e sentindo-se incapaz de encontrar tanto a conexão interior consigo própria quanto a exterior, com a humanidade. “As coisas estão mortas para ela e ela para as coisas... Ela não está mais nas coisas. Perde a ligação corajosa e quente com a vida” (p.42).

É muito frequente encontrar pessoas “sem alma”, que vivem uma vida sem sentido, empobrecida, morna e a expressão “empurrando com a barriga” é usada para comunicar uma vida vazia e sem significado. “O mundo está cheio de pessoas inconscientes – aquelas que não sabem por que fazem aquilo que fazem” (EDINGER, 2004, p. 7).

Algumas pessoas acomodam-se, vivem imobilizadas esperando que alguma mágica venha libertá-las de sua vida sem sentido. “Todos nos agarramos a duas fantasias impossíveis, a da imortalidade e a do Outro Mágico. [...] Como o ego

procura segurança, estabilidade e controle, a morte é a maior ameaça, a mais negra antagonista” (HOLLIS, 2006, p. 197).

“A recusa em aceitar a plenitude da vida equivale a não aceitar o seu fim. Tanto uma coisa quanto a outra significam não querer viver. E não querer viver é sinônimo de não querer morrer” (JUNG, 1971, p. 357).

A outra fantasia, a do Outro Mágico, a esperança de que alguém lá fora venha nos salvar, nos poupar na nossa jornada, fazer nossa vida funcionar, é quase tão ubíqua. [...] O fato de nos entregarmos prolongadamente a essa fantasia garante que iremos permanecer presos ao pensamento infantil. Ele é um legado da dependência da criança com relação aos pais, a qual, bastante naturalmente se torna o modelo implícito de todos os relacionamentos futuros. [...] O Outro Mágico, caso o encontrássemos, representaria nossa maior ameaça, pois ele nos manteria afastados do nosso eu mais pleno (HOLLIS, 2006, p.198).

Sem alma, a pessoa vivencia um estado de necessidade constante, uma sensação de “falta” que traz sofrimento por um lado, mas por outro estimula a busca da totalidade como possibilidade de diferenciação e mudança.

[...] uma voz intuitiva, no fundo, pode estar sussurrando: Não vale a pena. Não existe ninguém aqui. Preciso de um casulo. Preciso voltar atrás e me encontrar. [...] A crisálida é essencial, se pretendemos nos encontrar. [...] É disso que trata entrar em crisálida: submeter-se a uma metamorfose, para um dia via a ser capaz de pôr-se em pé e dizer *Eu sou* (WOODMAN, 1999, p. 33).

A meta da vida é o significado e este só pode ser encontrado por meio de um longo e misterioso processo de aprofundamento e busca da própria alma.

Enquanto a pessoa não for capaz de contemplar a discrepância existencial entre o que ela deseja e o que ela vivencia, ela não se conscientizará de sua tarefa espiritual, e permanecerá sempre fugindo do seu desígnio ou pensando em si mesma como vítima (HOLLIS, 2006).

A psique objetiva – termo utilizado por Jung para representar a totalidade da psique – existe independentemente da vontade ou intenção do indivíduo e esta gera símbolos imagéticos autônomos. O consciente centrado no ego é apenas uma manifestação parcial da psique e quando o indivíduo está vivendo contra aquilo que



está “destinado a ser”, o inconsciente manifesta-se como um impulso irresistível de busca pela própria verdade interior, o que Jung denominou de “anseio de individuação”.

Mas se a tensão dos opostos aumenta, em consequência de uma unilateralidade demasiado grande, a tendência oposta irrompe na consciência [...] Assim um orador comete um deslizamento de linguagem precisamente quando maior é o seu empenho em não dizer alguma estupidez. Este momento é crítico porque apresenta o mais alto grau de tensão energética que pode facilmente explodir, quando o inconsciente já está carregado, e liberar o conteúdo inconsciente (JUNG, 1971, p. 3).

Diante da perda da alma, os conteúdos inconscientes do indivíduo “fazem exigências inegáveis ou irradiam influências com as quais a consciência terá de se defrontar, quer queira quer não” (p. 317). É um anseio, uma exigência constante, um vazio interior que não pode ser vencido pela força de vontade.

Jung apontou que a individuação não vem de cima, mas,

[...] das ‘pessoas pouco importantes’, as energias divididas que são os camponeses do reino interior. Embora o ego tenha vontade de tornar o universo da alma monocrático e monoteísta, a psique é na verdade politeísta e poderosamente democrática, com inúmeras energias ou complexos divididos. O senso do eu requer um diálogo com essas energias (HOLLIS, 2006, p.75).

A individuação:

É a consciência mais plena possível de tudo o que forma nossa própria personalidade, e ela é abordada na autodisciplina constante, honesta e exigente que Jung chama de processo de individuação. Uma vez que, como dissemos, tudo o que é inconsciente em nós primeiramente encontra-se em projeção, o processo envolve a remoção da projeção e a assimilação de seu conteúdo naquele ser consciente ao qual ele pertence – nosso próprio ser. Isso envolve a admissão cada vez maior de quem realmente somos (HART, 2002, p. 103 *apud* COSTA, 2004, p.17).

Para Jung, o inconsciente produz espontaneamente imagens, capacidade denominada *função criativa* da psique, visando impulsionar o indivíduo rumo à totalidade. Esta atividade formadora de símbolos foi considerada por ele como uma tentativa de favorecer o encontro dos opostos promovido pelo inconsciente (SILVEIRA, 2006).

As intervenções do inconsciente ocorrem de maneira aparentemente imprevisível e perturbadora na vida do indivíduo, por isso, “o ego assustado e confuso, desconsidera, reprime, nega e foge dos pantanais. No entanto, grande parte da nossa vida é vivida a partir dessas regiões, e grande parte da prisão da neurose é uma negação dessa esfera” (HOLLIS, 2006, p.19).

O indivíduo quase nunca tem consciência das forças que governam seus impulsos para o crescimento ou para a individuação, de forma que permanece um agente passivo de suas pulsões destruidoras. O desenvolvimento da consciência é um caminho difícil e cheio de perigos [...] o tributo de sofrimentos que a pessoa deve pagar para libertar-se das ilusões neuróticas (CAROTENUTO, 2004, p. 7).

Torna-se, portanto, imprescindível compreender como se dá este diálogo entre consciente e inconsciente, visando a compensação e correção de uma vivência de unilateralidade. Isso poderá ser feito através da interpretação simbólica dos conteúdos e manifestações do inconsciente.

Para a psicologia analítica, o inconsciente contém não apenas o material esquecido do passado individual, mas também todos os traços funcionais herdados que constituem a estrutura do espírito humano. O inconsciente constitui-se duas partes: o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo.

O inconsciente pessoal é a camada cujos conteúdos são de natureza pessoal, constituindo-se de aquisições da vida individual e de outros fatores psicológicos que poderiam ser conscientes, mas foram reprimidos. Ele coincide com o inconsciente freudiano. “Os conteúdos inconscientes são de natureza *pessoal* quando podemos reconhecer em nosso passado seus efeitos, sua manifestação parcial, ou ainda sua origem específica” (JUNG, 2004c, p.11).

O inconsciente coletivo constitui-se de fatores de natureza coletiva que não são adquiridos pelo indivíduo e corresponde às camadas mais profundas do

inconsciente, aos fundamentos estruturais da psique comuns a todos os homens (SILVEIRA, 2006).

Há dois tipos de imagens produzidas pelo inconsciente: as provenientes do inconsciente pessoal, que representam conteúdos, emoções e vivências do indivíduo - suas *experiências pessoais* - e as pertencentes ao inconsciente coletivo,

(...) que se configuram a partir de disposições inatas inerentes às camadas mais profundas da psique, à sua estrutura básica (inconsciente coletivo). Jung denominou-as imagens arquetípicas. Configuram vivências primordiais da humanidade, semelhantes nos seus traços fundamentais, em toda parte do mundo, podendo revestir-se de roupagens diferentes de acordo com a época e as situações em que se manifestam, exprimindo, porém, sempre os mesmos efeitos e idéias (SILVEIRA, 1992, p. 86).

Jung denominou de *imagens primordiais* ou *arquetípicas*, as imagens arcaicas, dotadas de simbolismo e de caráter coletivo. Estas encontram representação na mitologia dos povos, personificadas por deuses, deusas e demais figuras mitológicas. “Tais imagens carregam uma simbologia considerada universal, isto é, encontrada no estudo da mitologia, nos contos de fadas, lendas, na história das religiões, na antropologia cultural” (COSTA, 2004, p.8).

A mitologia foi usada por Jung como uma metáfora que possibilitou a personificação das forças psíquicas inconscientes, denominadas *arquétipos* - possibilidades de comportamento, potencialidades que fazem parte da herança cultural da humanidade registrados no *inconsciente coletivo*.

No momento em que um arquétipo é ativado ele manifesta-se através de uma imagem, a qual possibilita uma aproximação do ego com as potencialidades que o arquétipo carrega. Uma imagem é, portanto,

algo capaz de representar, figurativamente, a situação inconsciente em que vive determinada pessoa. Uma imagem pode ser rica em símbolos, em personagens, em situações, em sentimentos e é produzida espontaneamente por nosso inconsciente. É como se o inconsciente fosse um pintor, um artista, o qual, a cada dia, decidisse pintar um quadro repleto de elementos e imagens, muitas vezes, incompreensíveis para quem o admirasse, porém denso em significações para aquele que o produziu (COSTA, 2004, p.8).

“Os símbolos do Si-mesmo têm um caráter unificador” (JUNG, 1971, p.39), uma vez que as imagens produzidas por ele favorecem a ocorrência de uma relação dialética entre inconsciente e consciente.

“Como em tudo que há vida há energia, o símbolo também possui uma energia que é capaz de transformar e modificar as emoções e as coisas. O símbolo como transformador de energia tem caráter curativo e restaurador” (NASSER, 2003, p. 38).

Os símbolos de transcendência relacionam-se com a necessidade que tem o homem de libertar-se de qualquer estado de imaturidade demasiadamente rígido ou categórico. Em outras palavras, estes símbolos dizem respeito à libertação do homem de qualquer forma restrita de vida, no curso da progressão para um estágio superior, ou mais amadurecido, da sua evolução (p. 37).

O trabalho de resgate da alma representa o acesso a esse núcleo interno que proporciona unificação interior e poderá ser impulsionado por meio da interpretação simbólica das imagens que surgirem a partir das diferentes manifestações do inconsciente. À medida que um conteúdo inconsciente emergir e for formulado, será possível confrontá-lo com o ego e poderá ocorrer uma “aproximação dos opostos da qual resulta o aparecimento de um terceiro elemento que é a função transcendente” (JUNG, 1971, p.19).

Aquilo que, por falta de compreensão, consideraríamos imaginações caóticas, desejos e impulsos, pode revelar significado quando somos capazes de interpretar simbolicamente suas manifestações imagéticas. [...] Quando as expressões da psique objetiva são interpretadas simbolicamente e depois submetidas ao teste da realidade na experiência vivida, vemos que elas não apenas funcionam de uma forma autônoma, mas que este funcionamento também parece ter um relacionamento interativo definido com a mente consciente racional e criadora de conceitos. Tal relacionamento é de complementação ou compensação, visto que tende a contrabalançar deficiências vitais ou tendências seriamente unilaterais do ponto de vista consciente (WHITMONT, 2000, p. 39).

“Uma vez que o gradiente natural da psique é rumo à totalidade, o Si-mesmo tentará impelir adiante a parte negligenciada para que ela obtenha reconhecimento. Esta contém energia do mais elevado valor, o ouro na lama.” (WOODMAN, 1999, p. 36)

Algo praticamente imperceptível começa a se produzir [...] uma voz interior muito nítida pode começar a comentar, assinalando que as coisas não são como parecem ser. [...] Se o ego não tiver força e flexibilidade suficientes, entra em pânico e, ou regride para seus antigos terrores de aniquilação, ou regride para sua antiga estrutura rígida, em ambos os casos recusando-se a atravessar o canal do parto. (p. 43)

A borboleta é o símbolo da alma humana e a palavra alma está intimamente relacionada ao processo de individuação. “Simbolicamente, para que libertemos a nossa própria borboleta, também precisaremos sacrificar uma gota de sangue, deixar que o passado se vá e voltarmos ao futuro” (p. 20). Afinal,

só uma vida vivida dentro de um determinado espírito é digna de ser vivida. É um fato estranho que uma vida vivida apenas pelo ego em geral é uma vida sombria, não só para a pessoa em si, como para aquelas que a cercam. A plenitude de vida exige muito mais do que apenas um eu; ela tem necessidade de um espírito, isto é, de um complexo independente e superior, porque é manifestamente o único que se acha em condições de dar uma expressão vital a todas aquelas virtualidades psíquicas que estão fora do alcance da consciência do eu (JUNG, 1971, p. 280).

O resgate da alma pode ser simbolizado pelo o processo de metamorfose da borboleta que permanece dentro de uma crisálida, sua concha protetora e realiza o encontro com a morte para renascer mais bela e livre. Embora a crisálida pareça morta, mudanças notáveis acontecem lá dentro resgatando a beleza da vida.

Enquanto a consciência experimenta o conflito como uma crucificação, pois, o ego sabe que seus desejos particulares têm de ser sacrificados ao transpessoal e sente-se diante da morte, por isso há um sofrimento intenso. Fica evidente que será necessário um empenho muito grande e também muita coragem para empreender o processo de individuação.

“Quando faço algo que não deveria fazer, pois não me encontro na estrada principal, mas prefiro abrir para mim um percurso pessoal, é então que me torno consciente de minha existência” (CAROTENUTO, 2005, p.51).

Precisamos de menos acontecimentos porque temos mais experiências. Inconsciente conscientizado: alguma coisa que acontece comigo, realidade de ordem psíquica, um mundo de experiências, emoções, fantasias, estados de ânimo, visões, sonhos e diálogos, um amplo espaço que se abre, livre e espontâneo – um domínio onde as significações preponderam (AVENS, 1993, p. 68).

No capítulo seguinte será descrito como a psicoterapia junguiana pode contribuir para o processo de individuação dos pacientes, bem como serão apresentados alguns conceitos importantes para a compreensão dessa abordagem.

### 3- A PSICOTERAPIA E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

O processo de individuação ocorre em etapas, conforme preconizado por Jung e descrito por Silveira (2006). A primeira etapa consiste em retirar as falsas roupagens da *persona*, que é uma aparência artificial adotada pelo indivíduo para viver em sociedade.

Para estabelecer contatos com o mundo exterior, para adaptar-se às exigências do meio onde vive, o homem assume uma aparência que geralmente não corresponde ao seu modo de ser autêntico. Apresenta-se mais como os outros esperam que ele seja, ou como ele desejaria ser, do que como realmente é. [...] Se numa certa medida, a *persona* representa um sistema útil de defesa, poderá suceder que seja tão excessivamente valorizada a ponto de o ego consciente identificar-se com ela (p.79).

Uma vez retirada essa máscara, será possível ao indivíduo olhar para o lado oculto da sua personalidade, a sombra que é

uma espessa massa de componentes diversos, aglomerando desde pequenas fraquezas, aspectos imaturos ou inferiores, complexos reprimidos, até forças verdadeiramente maléficas, negrimes assustadores. Mas também na sombra poderão ser discernidos traços positivos: qualidades valiosas que não se desenvolveram devido a condições externas desfavoráveis ou porque o indivíduo não dispôs energia suficiente para levá-las adiante [...]. (p.81)

Após a integração da sombra é necessário que ocorra o encontro com a *anima* e *animus*, que são “arquetipos daquilo que, em cada sexo, é o *inteiramente outro*. Cada um representa um mundo que, à primeira vista é incompreensível ao seu oposto, um mundo que nunca pode ser conhecido diretamente” (WHITMONT, 2000, p. 165)

Sobre a *anima* Silveira (2006, p. 82) afirma que:

Essa feminilidade inconsciente no homem, indiferenciada, inferior, manifesta-se, na vida ordinária, por despropositadas mudanças de humor e caprichos. Vem compor a *anima* também as experiências fundamentais que o homem teve com a mulher através dos milênios, um aglomerado hereditário inconsciente de origem muito longínqua, *tipo* de todas as experiências da linha ancestral em relação ao ente feminino, resíduo de todas as impressões fornecidas pela mulher.

Inicialmente a mãe do indivíduo serve de receptáculo da sua anima, sendo depois transferida para as mulheres com as quais ele se relacionar. A retirada da imagem da anima da mãe é uma importante etapa do desenvolvimento psíquico do homem, caso contrário ele se relacionará com outras mulheres esperando que elas assumam papel de mãe. “[...] quando o jogo dessas projeções vai se esgotando, é a mulher dentro do homem, durante anos reprimida, quem penetra da sua vida sem ser chamada” (SILVEIRA, 2006, p. 83).

Essa é a oportunidade de o princípio feminino no homem desenvolver-se e diferenciar-se, resultando na integração da anima a qual torna-se uma função psicológica muito importante. É ela que permite o relacionamento com o mundo interior – atuando como intermediária entre consciente e inconsciente – e o mundo exterior – atuando como sentimento conscientemente aceito.

O animus, a masculinidade inconsciente na mulher manifesta-se como uma parte intelectualmente mal diferenciada e simplista. Ele condensa todas as experiências vividas pela mulher ao longo dos milênios.

O pai é o primeiro receptáculo do animus o qual será transferido depois para os homens com os quais a mulher vier a se relacionar. O animus poderá diferenciar-se e ser integrado à psique feminina trazendo à mulher a capacidade de reflexão, discernimento e gosto pelas coisas do espírito.

Após a integração do animus e da anima chega o momento de encontro com o *Self* e o resultado será a totalização do indivíduo o qual já não estará mais fragmentado.

[...] em suma, o confronto entre consciente e inconsciente – produzem o alargamento do mundo interior do qual resulta que o centro da nova personalidade, construída durante todo esse longo labor, não mais coincide com o ego. O centro da personalidade estabelece-se agora no *Self*, e a força energética que este irradia englobará todo o sistema psíquico (SILVEIRA, 2006, p. 88).



A psicoterapia junguiana visa transformação na forma de o indivíduo lidar com os impulsos de forma que eles deixem de ser ameaçadores e destrutivos e se convertam em aliados. Isso poderá ser alcançado por meio de uma ampliação da consciência e por uma mudança na forma de abordar os impulsos até então inaceitáveis. “Entrar em acordo com a psique objetiva depende dos esforços do analisando para compreender e testar, na experiência da vida real, os palpites e mensagens do inconsciente” (WITHMONT, 2000, p.261).

#### A ampliação da consciência

é um processo contínuo, *da parte* do ego, de assimilar o que era anteriormente desconhecido *para* o ego. Ele envolve um despertar progressivo em relação a por que fazemos o que fazemos. E um passo importante é nos tornarmos conscientes das muitas maneiras pelas quais somos influenciados por aspectos inconscientes de nós mesmos (SHARP, 2005, p. 34).

Whitmont (2000) descreve as etapas da psicoterapia as quais são correspondentes às descritas por Silveira (2006) para o processo de individuação, ficando assim evidenciado que a psicoterapia poderá impulsionar o processo de individuação do paciente.

Na primeira etapa da psicoterapia é necessário que o indivíduo perceba as contradições existentes entre a atitude consciente e suas necessidades internas, de forma a elucidar e compreender as implicações das mesmas no seu processo de individuação. Em seguida é necessário examinar a discrepância entre as posições consciente e inconsciente. O primeiro conflito a ser considerado é o que ocorre entre o ego e a sombra, uma vez que há uma distância grande entre aquilo que se acredita ser e o que realmente se é, devido à repressão de aspectos que a pessoa não gosta em si ou precisou esconder no decorrer do seu desenvolvimento psíquico para agradar ao coletivo.

Não existe crescimento sem confronto e integração da sombra uma vez que esta é a porta de entrada para a individualidade.

Na medida em que oferece um primeiro vislumbre da parte inconsciente da nossa personalidade, a sombra representa o primeiro estágio em direção ao encontro do eu. Não existe, na verdade, nenhum acesso ao inconsciente e à nossa própria realidade *senão* através da sombra. Só quando percebemos aquela parte de nós mesmos que até então não vimos ou preferimos não ver, podemos avançar para questionar e encontrar as fontes das quais ela se alimenta e as bases sobre as quais repousa. (WHITMONT, 1991, p.40)

Quando a pessoa se recusa a enfrentar a sombra pela incapacidade de integrar seu potencial positivo, ou por falta de força moral para assumir seu lado negativo, querendo manter-se dentro de padrões aceitos pelo coletivo, ela irá encontrar-se com a mesma através da projeção. A psicoterapia oferece um ritual de renovação pelo qual a personalidade da sombra pode ser percebida e assimilada, reduzindo assim seus potenciais inibidores ou destrutivos e liberando a energia vital positiva que estava aprisionada.

Após encarar a sombra, o indivíduo será convidado “à exploração da posição e das necessidades da psique objetiva, dos elementos que nunca estiveram nem poderiam ter estado no consciente: o animus, a anima e o Self” (p. 260). A anima e o animus

personificam o inconsciente coletivo e, portanto, seu verdadeiro objetivo psicológico reside no fato de ser uma função do relacionamento entre o ego e o inconsciente coletivo, de construir uma ponte, por assim dizer, entre o mundo da consciência e o mundo das imagens interiores (SANFORD, 2006, p.87).

A partir do reconhecimento e aceitação da sombra e do animus ou da anima, o inconsciente passará a ser um grande aliado no processo de individuação, fornecendo indicativos dos impasses interno-externo e oferecendo sugestões valiosas para a reconciliação das posições opostas (WHITMONT, 2000, p. 260).

Quando a pessoa ainda não tem consciência de si mesma, sua capacidade de relacionamento fica limitada porque, aqueles aspectos seus desconhecidos serão

vistos no outro, por meio da projeção. “A pessoa está sempre no escuro quando se trata de sua própria personalidade. Ela precisa do auxílio de outras pessoas para se conhecer a si própria” (JUNG SPEAKING, p.165 *apud* SANFORD, 2006, p. 74).

Segundo Sanford (2006, p. 17), a projeção é um mecanismo psíquico inconsciente, “que ocorre sempre que um aspecto vital de nossa personalidade que desconhecemos é ativado. Quando algo é projetado, vemo-lo fora de nós, como se fizesse parte de outra pessoa e nada tivesse a ver conosco”. Porém, embora a projeção possa ser tomada como um desvio, uma tentativa de depositar no outro o que é do indivíduo, ela traz a possibilidade de integração dos aspectos projetados na medida em que sejam reconhecidos e recolhidos.

Diante do que foi exposto acima, nota-se que a tarefa que o indivíduo precisa realizar para tomar posse de seu desígnio e assumir seu processo de individuação exige um trabalho contínuo e árduo. A pessoa que não assume a responsabilidade por este processo trai a si mesma e se isso não for reconhecido há uma tendência de que ela encontre a traição fora de si - traindo ou sendo traída por alguém. “Jung diz que encontraremos no mundo exterior, como destino, tudo aquilo que não temos consciência em nós mesmos” (SHARP, 2005, p.40).

Carotenuto (2004) corrobora isso ao afirmar que, nascemos traídos e com a necessidade de trair para que haja desenvolvimento psíquico: ou se trai o outro deixando de tentar agradá-lo e seguindo a orientação do Self que impulsiona para a individuação, ou se trai a si mesmo, permanecendo distanciado do próprio desígnio.

No capítulo seguinte será realizada uma interpretação simbólica deste fenômeno, considerando-se a traição como uma necessidade e como uma ferramenta de crescimento do ser humano. A linguagem simbólica “promove um lançamento e uma entrega de cada um de nós para o que não se consegue nomear,

para o que não se consegue resposta e explicação imediata” (NASSER, 2003, p. 11).

O símbolo aproxima o divino do humano, é a ponte que os liga, como as duas metades da mesma medalha. Está presente em todos os momentos em que houver uma passagem, um período de *transição* da vida humana. Quando a presença do outro (ou Outro) se faz necessária para dar direção e significado a uma ausência, a uma perda ou a uma vitória (p. 37).

#### 4 - UMA LEITURA SIMBÓLICA DA TRAIÇÃO

Do ponto de vista simbólico:

Nascemos traídos e com a necessidade de trair para crescermos: é uma lei cármica, que soa como condenação, se, justamente através da vicissitude da traição, não fosse pedido ao indivíduo o encargo de confrontar-se com sua ambivalência constitutiva e de assumi-la conscientemente, de modo a transformar a orientação natural das pulsões e tornar-se, de alguma forma, artífice profundo de seu destino de individuação. (CAROTENUTO, 2004, p. 8)

Para compreender a traição como lei cármica é importante recorrer ao conceito de lei de compensação do destino, segundo a qual

*[...] os processos inconscientes se acham numa relação compensatória em relação à consciência. [...] consciente e inconsciente não se acham necessariamente em oposição, mas se complementam mutuamente, para formar uma totalidade [...]. Os processos inconscientes compensadores do eu consciente contêm todos os elementos necessários para a auto-regulação da psique como um todo (JUNG, 2004c, p. 53).*

Compensar tem o significado de buscar equilíbrio, de suplementar algo que está incompleto. Quando o indivíduo está deixando aspectos importantes de si mesmo soterrados - excluídos, inibidos ou reprimidos - o inconsciente irá interferir buscando compensar esta atitude consciente unilateral, visando a transformação do indivíduo.

Conteúdos reprimidos, excluídos e inibidos pela orientação consciente do indivíduo passam para a inconsciência e lá formam um contrapólo da consciência. Essa contraposição se fortalece com qualquer aumento de ênfase sobre a atitude consciente até interferir com a atividade da própria consciência. Finalmente, conteúdos inconscientes reprimidos reúnem uma carga de energia suficiente para irromper na forma de sonhos, imagens espontâneas ou sintomas. O objetivo do processo compensatório parece ser o de ligar, como uma ponte, dois mundos psicológicos. Essa ponte é o símbolo, embora os símbolos, para serem eficazes, devam ser reconhecidos e compreendidos pela mente consciente, isto é, assimilados e integrados. (RUBEDO, 2010)

Carotenuto (2004) acredita que a psique ainda inconsciente, necessita da fratura exposta pela traição para libertar-se das amarras da experiência primária, uma vez que a traição denuncia uma unilateralidade da consciência e aponta a necessidade de o indivíduo renunciar às exigências infantis de fidelidade absoluta.

[...] Nossa personalidade se desenvolve somente sob o impulso daquilo que nos falta. O crescimento para uma dimensão adulta está ligado também ao desejo enorme de conseguir o que, desde crianças, nos fora proibido. [...] É exatamente esta perene e infantil insatisfação que nos permite, e até nos 'impõe', sermos diferentes (p.58).

Ao trair ou ser traído, o indivíduo tem a oportunidade de construir uma fidelidade mais profunda a algo mais amplo, que transcende interiormente seus objetivos imediatos. A seguir serão analisadas algumas aspectos relacionados à traição - a si mesmo e ao outro - abordando limites e possibilidades de desenvolvimento psíquico dos envolvidos em ambos os casos.

#### **4.1 - TRAIÇÃO A SI MESMO**

O mito hebraico do paraíso perdido tem um significado profundo para a psique, pois

representa simbolicamente, expulsão que, se entrega ao homem a todas as formas de sofrimento, dá início ao nascimento da consciência com a expectativa – é essa a promessa de toda doutrina soteriológica – do pleno despertar, isto é, da aquisição de uma consciência interior que torne o homem capaz de reconhecer as forças que o dirigem e de mudar em seu favor também o reconhecimento do mal. (CAROTENUTO, 2004, p. 8)

O nascimento é considerado uma forma de traição ao indivíduo o qual vivia tranquilamente numa “dimensão oceânica”, no útero materno e, de repente vê-se expulso do mesmo no momento do parto. No entanto, a traição já fazia parte da vida da pessoa antes mesmo deste momento, como aponta Carotenuto (2004):

Ainda antes de nascermos somos imaginados, ainda antes de descobirmos quem somos – olhando dentro de nós em um espelho - alguém já o fez por nós. A nossa existência e a nossa autonomia são condicionadas: na hora de virmos ao mundo, já fomos inventados. E somos inventados por pais que, por sua vez, como filhos, também foram “inventados”. (p. 32)

Como a criança nasce envolvida pelas expectativas dos pais e no início do desenvolvimento psíquico vive num estado de participação mística com a mãe, ela é impelida a encarnar os desejos e as fantasias da mesma.

A criança vive em estado de união com a mãe, ou com a pessoa que a cria. Praticamente não há separação entre o sujeito e o objeto. À medida que a criança cresce e assimila sua experiência, desenvolve seus próprios limites e seu senso do Si-mesmo separado do mundo exterior, o ego começa a existir. Ocorre uma nítida noção de identidade pessoal, um “eu sou”. (PATTIS, 2005, 33)

Se a união entre mãe e filho (a) se prolonga por tempo maior do que o necessário, esta pode ser considerada uma simbiose a qual irá dificultar e, em alguns casos até bloquear, o desenvolvimento psíquico da criança.

O grau com que mãe e filha acreditam pertencerem uma à outra destrói o crescimento psíquico. Nos níveis mais profundos, a maioria das crianças sabe que não pertencem aos pais; elas têm sua sensação de unidade com a vida como um todo. Em um mundo em que as pessoas possuem umas às outras, contudo, não pertencer faz a criança se sentir uma forasteira. (WOODMAN, 1999, p. 188)

“Ser imaginado e pensado ainda antes de nascer é visto por cada um, mais ou menos inconscientemente, como um ‘rapto’, como ser roubado, despojado [...]” (CAROTENUTO, 2004, p. 35) da própria individualidade. Se o indivíduo cresce e não se torna capaz de detectar e reverter este processo, não haverá desenvolvimento psíquico e ele continuará traindo a si mesmo.

De acordo com o autor, é

uma dor intensa e intolerável a que se inflige a uma criatura humana, pedindo-lhe que se adapte ao sonho de alguém. Nós somos cúmplices, além de vítimas, dessa expropriação da identidade, porque encarnar a projeção, a fantasia de outro é muito tranquilizador (p.36).

Alguns pais emperram a aquisição da individualidade pelos filhos, mantendo-os dependentes tanto física quanto psiquicamente. Nestes casos, pode-se falar em uma experiência da extorsão dos pais, a qual se apóia na adoração incondicionada dos filhos. “As crianças estão prontas para tudo, contanto que não percam a aprovação, a proteção e o amor deles.” (CAROTENUTO, 2004, p. 44)

A educação se utiliza dos fatos psicológicos e procura sugerir as atitudes adequadas mediante sentenças e ideais, muitos dos quais, na realidade, continuam a exercer sua influência ao longo de toda a vida, como princípio ou idéias-mestras duradouras (JUNG, 1971, p.274).

## Muitos casais usam seus filhos

[...] como bodes expiatórios dos conflitos conjugais. De fato, é só prestando a proteger o núcleo familiar que a criança consegue conquistar espaço na relação, melhor, na não relação dos pais. [...] compete a ela conferir significado e atribuir necessidade a uma coexistência que, de outra forma, seria insensata e impraticável. [...] o filho é preso no jogo mortal da limitação sádica da liberdade do outro. [...] Trata-se, todavia, de uma experiência necessária, porque, como nos ensinam os mitos, a conquista da individualidade tem sempre o aspecto de *resgate* (CAROTENUTO, 2004, p. 79).

Uma das consequências deste processo é “a distorção que ela provoca no nosso senso do eu e a compulsão inconsciente de repetir analogias desse relacionamento mais tarde na vida” (HOLLIS, 2006, p.84). Isso significa que, se a pessoa não se conscientizar deste processo, continuará se traindo no decorrer de sua vida, seja mantendo a tendência de agradar o outro – dizendo sim ao outro em detrimento dos próprios desejos – seja projetando no outro a sua vida não vivida, assim como seus pais o fizeram. Neste caso, pode-se dizer que há uma busca pelo outro mágico, a qual ocorre

Quando tento evitar minha jornada transferindo-a para outra pessoa, quando capitulo diante do medo da solidão, eu não apenas violo o significado único da minha vida que sou chamado a alcançar, como também onero a pessoa que eu professo amar. E, desse modo, eu também subtraio minha possível parte da riqueza do cosmo, a riqueza que a vida está me pedindo que encarne. Somente na experiência radical de mim mesmo como um outro – um outro diferente de meus pais, um outro diferente de você, um outro diferente daquele que eu fui – é que sou capaz de experimentar a amiúde e aterrorizante, mas sempre enriquecedora, abundância da vida (HOLLIS, 2006, p.88).

A pessoa que não consegue libertar-se das projeções de vida não vivida dos pais poderá ficar aprisionada tanto na mãe quanto no pai. Se um processo de simbiose com a mãe é mantido, o mesmo precisa ser desvelado para que o desenvolvimento psíquico do indivíduo ocorra, como explica Woodman (1999):

Quando a energia que esteve excessivamente dirigida para o culto de uma falsa deusa é situada no centro ao qual legitimamente pertence, a vida é resgatada. O que teve início foi a saúde espiritual, a vida espiritual. A dor da transformação é real – física e psiquicamente -, mas somente a intensidade do fogo pode unir corpo e alma. Esse é um processo de constituição da alma, algo que, porém, não aparece no princípio, só no fim (p. 190)



Caso a mulher esteja aprisionada no pai, é frequente que ela não reconheça seus desejos e viva tentando agradar o masculino, na figura do pai, do professor ou de uma autoridade o que também é considerado traição a si mesma. Na modernidade isso é bem comum, pois,

A função sentimento encontra-se tão mutilada nas mulheres que elas podem se trair sem a menor noção do que estão fazendo. Sem um animus bem diferenciado, a mulher não consegue perceber a diferença entre seus próprios pontos de vista e os de um homem. Declara-se constantemente em guerra interna, temerosa de que possa entregar-se às próprias necessidades "tolas", receando o menosprezo da lógica de seu companheiro se ela revelar o que é crucial ao seu coração. Ao negar a verdade de seus sentimentos, ela obedece ao que é eminentemente lógico. A questão real não é trazida ao plano da consciência: ao aceitar a posição masculina ela trai sua própria alma (WOODMAN, 1999, p. 248)

O pai interno, que a mulher busca agradar em seu processo de constituir a própria alma, volta-se contra ela – ou assim parece - no mesmo instante em que a imagem paterna é projetada em um homem e isso interfere de maneira muito forte nos relacionamentos desta.

Outra maneira de abordar a traição a si mesmo é do ponto de vista endopsíquico, a qual ocorre quando a pessoa remove para o inconsciente tudo aquilo sobre si mesma que considera impróprio ou inferior. Neste caso, ela viverá negando seus desejos e tentando mantê-los na sombra como estratégia para garantir que não será abandonada ou rejeitada. Porém, enquanto ela não se conscientizar deste processo, viverá fragmentada porque, junto com os aspectos que a pessoa não gosta em si e que foram escondidos no decorrer do seu desenvolvimento psíquico para agradar ao coletivo, foram soterradas também seus potenciais.

Pela lei da compensação, o inconsciente se utilizará de estratégias para denunciar esta atitude unilateral da consciência - quando a pessoa estiver traindo a si mesma, por meio dos sonhos, dos sintomas e dos atos falhos. O impulso para a individuação entrará em ação sempre que a pessoa não for capaz de lidar com suas

feridas primordiais, deixando de ser uma vítima e responsabilizando-se pela própria existência (HOLLIS, 2006).

A seguir será abordada a traição ao outro e esta pode ser considerada o símbolo da alma que chora de saudade de si mesma, sofre porque está se traindo, e, por não perceber isso acaba traindo o parceiro.

## **4.2 - TRAIÇÃO AO OUTRO**

A traição ao outro pode ser considerada um símbolo da traição a si mesmo.

O símbolo contém o oculto e o revelado; o conhecido e o desconhecido; o imanente e o transcendente, enquanto está vivo. Ele contém a vida, e, como todo ser vivo, traz a morte consigo. A contradição e os opostos estão presentes no símbolo, com seus antagonismos, seus duplos, luz e escuridão, bem e mal, certo e errado, bom e mau (NASSER, 2003, p. 38).

Mesmo havendo sofrimento com a vivência da traição, esta poderá revelar uma diversidade de aspectos sobre o vivido e o não-vivido, o sentido e o não-sentido do que ocorreu, lembrando que, devido ao sentido antagônico do termo 'traição', é possível "'trair' sem trair, faltar a um pacto, mas em nome de uma fidelidade mais alta ou mais profunda, a fidelidade a si mesmo. É preciso compreender o que a alma está querendo comunicar, por meio da interpretação simbólica, sem ficar preso ao que o coletivo, a moral ou a religião dizem sobre a traição.

Dentro de uma visão simbólica, a traição ao outro poderá funcionar "como uma ponte para atingir a parte mais profunda da pessoa humana" (NASSER, 2003, p. 39), sendo que "a ponte é um símbolo que aproxima dois pólos, duas experiências, dois mundos, duas vidas, duas metades" (p.40).

O que está faltando para o desenvolvimento psíquico da pessoa que trai a si mesma é justamente uma ponte que possibilite o estabelecimento de uma conexão

entre o consciente e o inconsciente, em outras palavras, do eixo ego-Self, possibilitando o resgate de sua alma e a vivência de uma vida com mais significado.

### A traição

[...] é essencialmente “passagem” – é esse significado etimológico -, entrega a outrem, a qual sempre se traduz em confissão de fraqueza e em pedido de ajuda, e, portanto, inclui sempre o risco da perda, do abandono. Mas para se viver em plenitude a existência própria é necessária essa “passagem” pela morte, esse reconhecimento do limite, da finitude, esse saber-se traidor e traído (CAROTENUTO, 2004, p. 9)

Para abordar o fenômeno da traição ao outro é importante compreender como se inicia e se desenvolve um relacionamento a dois. Apaixonar-se implica a ocorrência de projeção que traz “uma nova oportunidade de conhecermos o nosso interior, os *Parceiros Invisíveis*, e esse é o caminho para chegarmos ao conhecimento de nossas próprias almas” (SANFORD, 2006, p.30).

Embora o relacionamento possa ser representado no nível consciente, cada pessoa recebe informações dos conteúdos do seu inconsciente [...]. A experiência de apaixonar-se ocorre quando o Outro se alinha, ainda que apenas durante algum tempo, com a imagem interior que a pessoa tem do ser amado. Raramente, e talvez nunca o Outro consegue estar à altura dessa expectativa, de modo que regularmente a paixão esmorece. O relacionamento do homem com a amada nunca pode ser melhor do que o seu relacionamento com sua própria alma, porque seus elementos inconscientes contaminarão seu relacionamento com o Outro, da mesma forma como o Outro, por sua vez, também está lançando projeções sobre ele (HOLLIS, 2008, p. 66).

Quando duas pessoas se apaixonam, o ser amado passa a ser considerado a possibilidade de completude para o outro. Por isso, Sanford (2006) afirma que, “a experiência de apaixonar-se [...] pode ser o prelúdio de uma expansão da personalidade e da vida emocional.” (p. 27)

Isso é corroborado por Hillman (1975 *apud* AVENS, 1993), ao afirmar que personificar possibilita colocar as partes internas da pessoa fora dela, de forma que se possa tornar ciente das próprias partes distintas. Mesmo sendo a totalidade da personalidade o objetivo a ser atingindo, a separação (*separatio* na linguagem alquimista) por meio da projeção poderá ocorrer primeiro, proporcionando um

desprendimento interno. Essa separação será proporcionada por meio da projeção do animus ou da anima no ato de apaixonar-se.

Sempre que um homem fascina uma mulher ou, que uma mulher fascina um homem conteúdos inconscientes foram projetados e a pessoa não está fascinada pelo outro, mas por seus próprios conteúdos internos espelhados no objeto de sua fascinação.

De fato, isso pode corresponder ao que a anima e o animus desejam. É como se eles se projetassem externamente – isto é, para fora de nós – sobre pessoas que lhes convenham, justamente porque querem ser reconhecidos, e esta é a única maneira de que dispõem para nos atingir (SANFORD, 2004, p.81).

A projeção é a saída que o inconsciente encontra para estimular a pessoa a resgatar a própria alma e deixar de trair a si mesmo. “Somente quando a anima e o animus são projetados eles poderão ser reconhecidas e haverá possibilidade de realizar um trabalho efetivo de diferenciação psicológica da personalidade” (SANFORD, 2006, p. 81).

Já que não somos inclinados a conhecer nem a buscar o mundo interior, as figuras altamente personificadas da anima e do animus nos aparecem como se estivessem do lado de fora, complicando os relacionamentos e criando ilusões, da maneira projetada (p.88).

Um encontro sempre ativa dimensões internas profundas e desconhecidas em seus protagonistas, podendo resultar em crescimento para ambos e alcançando o que Jung denominou de relacionamento psicológico.

Sempre que nos referimos a um “relacionamento psicológico” pressupomos a consciência. Não existe nenhum relacionamento psíquico entre dois seres humanos, se ambos se encontrarem em estado inconsciente. (JUNG, 2002b, p.195)

As relações entre o homem e a mulher ocorrem a partir do encontro entre animus e anima e isso justifica muitas das dificuldades de relacionamento entre os parceiros. Na medida em que o tempo passa e os parceiros vão se conhecendo melhor, as projeções vão sendo retiradas e há possibilidade de existir um relacionamento psicológico, a partir da integração destes aspectos.

Os dois parceiros tentam tornar-se mais conscientes de seus complexos e de seus lados masculino e feminino; ambos estão disponíveis para refletir sobre sua interação e os dois têm a coragem de honrar a singularidade daquilo que estão compartilhando. Nenhum tenta possuir o outro, nem desejando ser possuído. O relacionamento em si está livre do peso das expectativas incubadas. Os parceiros não exigem um relacionamento 'total' nem estão em busca de serem completados; pelo contrário, valorizam o relacionamento como um continente no qual está refletida a totalidade que buscam em si mesmos. Ambos estão livres para serem autênticos. Vivem no agora, livres dos grilhões das idéias coletivas de como cada qual deve agir ou ser (WOODMAN, 1999, p. 242).

“Quanto mais reais vão se tornando um para o outro como pessoas, menos possibilidades há de as imagens mágicas e fascinantes provenientes do inconsciente permanecerem projetadas sobre eles” (SANFORD, 2006, p. 28).

O amor real começa somente quando uma pessoa chega a conhecer a outra, para quem ele ou ela é realmente um ser humano, e quando começa a amar esse ser humano e a preocupar-se com ele. [...] Ser capaz de um amor real significa amadurecer estimulando expectativas realistas em relação à outras pessoas. Significa aceitar a responsabilidade por nossa própria felicidade ou infelicidade, sem esperar que a outra pessoa nos faça feliz e sem censurá-la como se fosse responsável por nossas más disposições ou frustrações (p. 30).

O objetivo do casamento não é de um parceiro tomar conta um do outro - o que só contribui para reforçar os complexos um do outro - mas possibilitar um encontro dialético, que possibilita engrandecimento para ambos (HOLLIS, 2008).

Isso é corroborado por HILLMAN (2004), de acordo com o qual, no casamento os parceiros têm a chance de viver Eros e cultivar a união dos opostos. Tem-se a tendência de pensar que um bom casamento significaria uma boa união, aquela na qual cada membro preenche perfeitamente as lacunas do outro, o que é um engano. Esse tipo de união, ao contrário do que se pensa, impede o desenvolvimento dos parceiros, pois, um não deixa o outro preencher suas próprias lacunas.

[...] duas metades não fazem um inteiro. Assim, muito dificilmente poderá existir um “bom” casamento, se antes não existir um casamento “ruim”, isto é, uma união onde o processo individual em direção à totalidade frequentemente produza necessidades contrárias à imagem de um “bom” casamento (p. 118).

Existe no ser humano uma aspiração inconsciente de restabelecimento do estado simbiótico originário - “[...] regressão à condição indiferenciada vivida pela criança dentro do corpo da mãe durante a gravidez e, logo depois, fora dele” (CAROTENUTO, 2004, p. 97).

Caso o relacionamento amoroso seja estruturado na base da dependência entre os parceiros, em uma situação de indiferenciação semelhante à condição fusional vivenciada na relação primária haverá entrave no desenvolvimento psíquico dos parceiros e, conseqüentemente surgirão problemas na relação.

Somente seres separados podem relacionar-se. Sem haver desenvolvimento individual por parte das duas pessoas, não pode ocorrer um verdadeiro relacionamento. Ao invés disso, um estado de identificação mútua desenvolve algo que embota o desenvolvimento psicológico de ambos os parceiros (SANFORD, 2006, p. 42).

Quando não se estabelece uma relação entre duas individualidades,

Pode acontecer que naquele momento particular alguma coisa dificulte minha metamorfose e então o outro, depois de haver encarnado a “promessa viva” da minha possibilidade de tornar-me, pode representar o testemunho vivo da minha possibilidade de transformar-me. (CAROTENUTO, 2005, p. 55)

A energia que antes estava aprisionada no indivíduo na vivência de um relacionamento de traição a si mesmo poderá ser canalizada para a sedução por um terceiro elemento na relação e a traição ao parceiro poderá ocorrer como tentativa inconsciente de sair de uma vivência da unilateralidade.

No momento em que peço ao outro que me represente tudo o que não consigo ser, percebo uma irremediável separação. É como se eu fosse portador de uma perda inicial: devo remediar essa perda e por isso estou sempre em busca do que me falta para recuperar uma totalidade perdida [...] (p. 61).

“A psique vale-se da sedução quando o ego não se quer mover. [...] Com frequência essas são as únicas maneiras de o inconsciente fazer-se ouvir e sentir” (HILLMAN, 2004, p. 121)

“Se fantasias românticas não tiverem sido adequadamente vividas na juventude e se houver elementos de imaturidade emocional, uma vida não vivida pode emergir à consciência posteriormente e perturbar o casamento” (SANFORD, 2006, p. 117).

Quando há certa energia criativa em nós que está ultrapassando as fronteiras e limites do casamento e da vida em família, é típico tal energia projetar-se em uma pessoa do sexo oposto. Isso leva à atração por essa pessoa, à fascinação por ela [...] Quando isso acontece é preciso examinar atentamente o que está ocorrendo. Será que estou casado (a) com a pessoa errada? Desejo, porventura livrar-me do meu esposo ou esposa e viver permanentemente com a outra pessoa? Ou será que a outra pessoa representa uma válvula de escape para onde projeto meus poderes criativos, que ainda não se acham plenamente satisfeitos no casamento? (SANFORD, 2006, p.39)

De acordo com o autor, se a duas primeiras perguntas tiverem resposta afirmativa, poderá ser necessário empreender mudanças reais na vida da pessoa. Se isso não ocorrer e “se a última pergunta tiver razão de ser, a projeção das energias criativas precisa ser orientada, de maneira que se possam realizar de modo profícuo, como potencial existente dentro da pessoa” (p. 39). Caso não haja esta orientação a atração por uma pessoa externa ao casamento poderá ocorrer, trazendo consigo a alternativa da traição.

#### Quando se perde

[...] o contato com nosso outro lado, nossa base instintiva, é provável que algo irá acontecer *dentro de nós* para produzir equilíbrio adequado. Esta base é a idéia de Jung da compensação existente dentro da psique. [...] Portanto, a ligação instintiva entre as pessoas não deve ser menosprezada. É uma mensagem poderosa à qual deveríamos prestar atenção. (PATTIS, 2005, 27)

A escolha de outro parceiro na ocorrência da traição aponta algo que a pessoa necessita, considerando que esta terceira pessoa representa aquilo que a pessoa ainda não conseguiu enxergar e compreender em si mesma, na relação com seu parceiro atual. “[...] a anima e o animus têm o seu lado obscuro e podem destruir as pessoas quando estas consentem [...]. No entanto, há um potencial capaz de produzir luz escondido mesmo nessa escuridão” (SANFORD, 2006, p. 77).

O tipo de atração sexual magnética que podemos sentir quando a anima ou o animus se projetam dessa maneira leva a estabelecer fortes laços psicológicos com a pessoa que recebe tal projeção, do modo como nós descrevemos, e este fenômeno é muitas vezes perturbador para um relacionamento duradouro como o casamento. As projeções da anima e do animus raramente permanecem numa pessoa, cuja humanidade ordinária se evidencia sob o desgaste e o peso da vida diária, e, por essa razão, as projeções da anima e do animus comumente irão recair sobre pessoas que estão fora do relacionamento conjugal, o que demonstrará ser um fator causador de perturbação (SANFORD, 2006, p. 107).

Carotenuto (2004) afirma que o traído merece ser traído e o traidor é obrigado a trair devido a um impulso inconsciente que visa o desenvolvimento psíquico dos mesmos.

A traição leva traidor e traído a confrontarem-se com a morte: quem trai compreendeu a necessidade de interferir para modificar uma situação através da dilaceração dolorosa, sem a qual não se dá transformação nem procura de destino individual (p. 71).

Dois desfechos poderão ocorrer diante da projeção em uma terceira pessoa fora do casamento: a traição poderá ser vivida na forma de uma fantasia (subjetiva) ou de maneira concreta (objetiva), chegando às vias de fato.

No primeiro caso, a traição não se concretiza na vida real, sendo vivenciada pelo “traidor” apenas na fantasia, como se a pessoa estivesse se relacionando com um (uma) amante fantasma, que na verdade é o animus ou a anima projetados. Esta vivência possibilitará o desenvolvimento psíquico do “traidor”, como explica Hillman (2004):

É curioso que, quando se vive temporariamente a sexualidade sob a forma de fantasia, ao invés de exprimi-la concretamente, dá-se à vida a oportunidade de passar por uma remitologização ou ressacralização. Ela tende a se consagrar novamente através da retenção pela psique. Quando se prende o calor, a psique pode ser acendida em imaginação, ao mesmo tempo que, enquanto anima ou alma, a psique também confere o seu toque humano. Ela dá forma ao feminino e diferenciação ao sentimento, ampliando necessidades prementes em amor. [...] Os sentimentos e as fantasias sexuais são vividos dentro da pessoa e, assim, por meio de uma imagem feminina eles podem se abrir como luz [...] O amante ama o mundo todo, assim, como o mundo também o ama (p. 120).

A traição concreta envolve dois protagonistas - aquele que trai e aquele que é traído - e sua revelação poderá resultar ou não na separação do casal. Se os parceiros decidirem permanecer juntos será preciso fazer uma avaliação da relação



reconhecendo e transformando os pontos cegos da mesma. Ambos poderão aproveitar este acontecimento como possibilidade de crescimento, perguntando-se não somente “por quê?” – Qual foi a causa da traição? -, mas principalmente o “para que?” – Qual é a finalidade do ocorrido? Refletir sobre estas questões permitirá conhecer e compreender a mensagem que o inconsciente está querendo transmitir a eles com a vivência da traição.

Para haver resgate e transformação será necessário um esforço extremo dos envolvidos, buscando a compreensão dos aspectos internos negligenciados por cada um, por meio do reconhecimento e recolhimento das projeções.

Recolher as projeções é, invariavelmente, uma tarefa altamente dolorosa. Tememos a percepção de que estamos essencialmente sós; mas onde está o medo é onde se situa a nossa tarefa. A projeção é processo natural, por meio do qual, se prestarmos atenção, acabamos por reconhecer nosso próprio mundo interno. Por meio do processo de recolher as projeções, chegamos a nos apossar do que Jung chama de tesouros (WOODMAN, 1999, p.244).

Este processo ocorre de maneira diferenciada no homem e na mulher. À medida que recolha sua alma projetada numa mulher ele poderá “[...] aprender a se relacionar com seus sentimentos e a expressá-los mediante relacionamentos humanos, quando a situação o requer. Dessa maneira ele escapa da Mãe e desenvolve seu lado Eros” (SANFORD, 2006, p. 81).

Para o homem, isso pode significar um respeito renovado pelo mundo do coração, pelos relacionamentos, pela alma e pela busca de sentido. Para a mulher, pode significar uma caminhada renovada para o mundo do espírito, da compreensão, e uma espécie nova de envolvimento com o mundo que fica além da família (p. 80).

O homem precisa tornar-se consciente dos efeitos de seu complexo materno para não mais envolver-se em relacionamentos conturbados - nos quais sua raiva é interiorizada ou projetada na parceira - e tornar-se adulto. “Toda a carência da criança interior permanece ativa no presente, bem como seu medo de que o poder da mãe domine-o ou abandone-o” (HOLLIS, 2008, p. 79)

“É a alma que dá ao homem *coração*, capacitando-o ser forte de coração e corajoso em face dos sofrimentos e aflições da vida. [...] Como arquétipo da vida, a alma contém o elemento significado” (SANFORD, 2006, p. 90). Para se desenvolver ele necessita sentir a alma vitalizante dentro dele, em outras palavras, resgatar sua alma.

No processo de diferenciação feminino, “[...] é essencial, para que o aspecto positivo do animus possa emergir, que ele assuma sua função específica como uma ponte entre a consciência de uma mulher e seu mundo interior inconsciente” (p. 98). Caso contrário ele continuará atuando apenas externamente até que este se manifeste por meio de poderosas fantasias ou projeções, ao encontrar a ocasião e o homem apropriados.

Se essa imagem numinosa não for considerada psicologicamente e reconhecida como uma figura do mundo interior dela, ele imediatamente se transforma no que Esther Harding chamava de “amante fantasma”. Como amante fantasma, o animus ronda a mente de uma mulher, procura seduzi-la com fantasias românticas irreais e cada vez mais vai fazendo sua consciência ser absorvida pela irrealidade (p. 99).

Quando a mulher integra seu animus, o qual estava projetado num homem, começa a reconhecer o que é realmente importante para ela. Afinal, para

[...] encontrar seu próprio chão e manter-se firme pisando sobre ele, precisa valorizar seus sentimentos e seu Eros femininos e não consentir que seu animus, com suas condenações devastadoras, lhe roube o seu autovalor (p. 81).

O animus desempenha um papel importantíssimo no processo de individuação de uma mulher, uma vez que possibilita a ela assumir o que deve fazer por si mesma. “[...] Sempre que algum empreendimento novo, que ela não consegue enfrentar, se torna necessário, o animus a precede” (p. 98). “[...] O animus não é a alma, mas leva uma mulher *até* sua alma. É por essa razão que ele tem o valor de um psicopompo, de um guia ou de alguém que aponta o caminho ou conduz a ele” (JUNG, 1974 *apud* SANFORD, 2006, p. 101). “Para uma mulher, a descoberta da

alma constitui a descoberta do que é, mais essencialmente, sua própria natureza mais profunda e verdadeira” (SANFORD, 2006, p. 103)

No caso de traidor e traído optarem por ficarem juntos, apesar da traição, eles precisarão despender um grande esforço para buscar construir um relacionamento psicológico, no qual

Os dois parceiros tentam tornar-se mais conscientes de seus complexos e de seus lados masculino e feminino; ambos estão disponíveis para refletir sobre sua interação e os dois têm a coragem de honrar a singularidade daquilo que estão compartilhando. Nenhum tenta possuir o outro, nem desejando ser possuído. O relacionamento em si está livre do peso das expectativas incubadas. Os parceiros não exigem um relacionamento ‘total’ nem estão em busca de serem completados; pelo contrário, valorizam o relacionamento como um continente no qual está refletida a totalidade que buscam em si mesmos. Ambos estão livres para serem autênticos. Vivem no agora, livres dos grilhões das idéias coletivas de como cada qual deve agir ou ser (WOODMAN, 1999, p. 242).

Em muitos casos não será possível reconstruir a relação, por falta de interesse ou estrutura de um ou ambos os parceiros para superar este trauma, e a separação será inevitável. Mesmo assim, apesar de a separação amorosa em condições de traição ser um acontecimento dramático, que pode levar os envolvidos a cometer ações extremas e indignas na tentativa de sobreviver a essa dor, existe algo que impulsiona o crescimento.

O abandono, no sentido negativo da traição, perda [...] pode tornar-se abandono no sentido positivo de abertura, espontaneidade e liberdade. Seguir com esse dinamismo é romper com a constelação do pai-mago e arriscar-se no desconhecido, no qual reside a verdadeira criatividade. Então, e somente então, é que se enxerga o delírio do velho padrão, porque a ilusão que estava ali contida é vista a partir desse momento como realidade que se empenha em libertar-se da gaiola em que estava aprisionada (WOODMAN, 1999, p.78).

Esta grande perda na vida da pessoa poderá imobilizá-la ou tornar-se um catalisador que a leva a reexaminar a própria vida e a perceber que havia uma perda ainda mais profunda, a ponto de ser inconsciente, a perda da própria alma e a alienação com relação a si mesma. “Para compreender a profundidade dessa experiência, é preciso que o indivíduo perceba que sua maior perda fora a perda da sua própria integridade psíquica [...] a perda da alma” (HOLLIS, 2006, p.57).

O termo abandono (*abandonment*) vem do verbo em inglês arcaico *bannan* que significa “convocar” [...] Estar entre os que são convocados era abdicar de si mesmo e pôr-se a serviço. Abandono significa literalmente “não ser convocado” e, simbolicamente, “estar sem destino”. Se foi o pai quem ditou o destino da pessoa, então não ter sido convocada pode ser uma bênção em vez de uma maldição. Livre do pai, a filha pode então verdadeiramente abandonar-se ao processo de criar a própria alma (WOODMAN, 1999, p.52).

O bom uso da traição está em transformar o sentido negativo do abandono, da perda, do ver-se exposto, da sensação de estar morrendo, num sentido positivo de abertura, de espontaneidade e de liberdade.

Se uma mulher foi traída e abandonada pelo parceiro,

Em algum ponto entre a angústia e a raiva, a mulher perceberá que ela não foi abandonada pelo homem que ama. O homem que ela ama nunca existiu. Foi a projeção de uma imagem interior dela mesma. Agora o espelho está partido e ela pode tanto morrer como aceitar a realidade. E a realidade é que ela não se entristece pelo homem concreto, mas sim pelo amor perfeito e pela mulher maravilhosa que ela foi enquanto esteve apaixonada. Nua e cruelmente, ela se entristece pela própria criança interior, pela criança que ela mesma abandonou na primeira vez que se dispôs a agradecer o Papai (p. 71).

Algo semelhante pode ser dito sobre o homem que foi traído e abandonado pela parceira. Ele poderá encarar esta situação “como um convite para encontrar sua alma e completar seu itinerário para chegar a ser uma pessoa plena [...]”. Uma vez que ele reconheça que a mulher da sua escolha representava a tarefa que ele não estava conseguindo empreender e que sua alma estava projetada na parceira, ele poderá trabalhar para retirar as projeções e integrar seus aspectos. Sua alma será resgatada e a alma passará a ser uma aliada.

De acordo com a sua história individual e no decorrer de sua própria existência, cada ser deverá procurar um objeto decisivo e irrenunciável, cuja conquista aponta a tomada de posse de seu espaço interior. Essa é a resposta que deve ser dada ao evento trágico que é a traição do próprio nascimento.

O espaço fundamental, o tesouro do qual falam os mitos, em suas múltiplas variações, o “reino dos céus” do qual fala o evangelista Lucas encontram-se dentro de nós. A pedra filosofal, o cálice do santo Graal, o velicino de ouro, a morte do dragão, como caminho para se chegar ao tesouro, representam aventuras que não têm como teatro o mundo das coisas visíveis, a realidade externa. [...] A necessidade de superar provas específicas e perigosas remete às provas que nós, como indivíduos e nos diferentes níveis em que viermos a encontrar-nos, deveremos superar. [...] Cada um de nós, segundo sua história individual e no arco de sua própria existência deverá encontrar um objeto decisivo e irrenunciável, cuja conquista preludia a consecução do espaço interior. É essa, creio, a única resposta que podemos dar ao evento trágico, e fundamental, de nossa existência que é a traição do nascimento. (CAROTENUTO, 2004, p. 41)

“Traição é pensar em nossa condição humana em termos de liberdade absoluta, de conhecimento absoluto e de controle absoluto do rio da vida; na verdade, não controlamos nada” (p. 49). A perspectiva contrária à traição consistiria em reconhecer nossa impotência saindo da posição de esperar pela autorização e aprovação de nossas atitudes pelo outro. É necessário trair aquelas instâncias que não correspondem mais a si mesmo e que dificultam o desenvolvimento da individualidade.

## CONCLUSÃO

O ser humano tem uma tarefa a realizar: tomar posse do seu desígnio e assumir seu processo de individuação realizando aquilo que é só dele. Quando o indivíduo não assume essa responsabilidade trai a si mesmo e se isso não for reconhecido há uma tendência de que ele encontre a traição fora de si - traindo ou sendo traída por alguém.

A traição deve ser vista como um evento estruturante que, se bem aproveitado, por meio da reflexão e da elaboração, possibilitará a compreensão do verdadeiro significado da vida e a criação de condições para o advento de uma presença nova: a presença da própria alma resgatada a partir do encontro consigo mesmo.

Trair o outro para deixar de trair a si mesmo poderia induzir à idéia de o indivíduo sentir-se sozinho. No entanto, ao contrário disso, o que ocorre é um encontro consigo mesmo que, além de desenvolver a capacidade de ficar só, abre espaço para relacionamentos psicológicos, conforme apontou Jung, mais verdadeiros e profundos.

A partir de uma visão da vida como traição desde o nascimento, cabe a cada indivíduo crescer através das traições que vivenciar no decorrer da sua existência, assumir as conseqüências de cada uma delas e aprender a confiar e a recuperar-se.

Somente vivenciando a experiência de traição até o fundo será possível resgatar a alma e, para isso, é preciso ser paciente e persistente. O amadurecimento psicológico não é adquirido por meio de um treinamento ou da aquisição de conhecimentos teóricos. Defender-se e não entrar em contato com os sentimentos através de racionalizações engenhosas é também uma forma de traição que a mente comete, com prejuízo do coração. "Se a pessoa tivesse mais

consciência de sua emotividade, teria menos necessidade de entrincheirar-se atrás de certezas racionais.” (Carotenuto, 2004, p. 55)

Não se pode negar que a traição ocorre, dentro e fora das pessoas e, diante disso, é importante observar este fenômeno com cuidado, questionando além de suas causas e procurando compreender qual é a finalidade psicológica da mesma.

Conclui-se que uma interpretação simbólica da traição poderá contribuir muito para o trabalho psicoterápico e, conseqüentemente favorecer o processo de individuação do paciente, afinal, a terapia inicia-se quando o paciente percebe que passou a vida traindo a si mesmo e decide resgatar a própria alma abraçando o processo de individuação. Nas palavras de Jung (1987):

A terapia só começa realmente quando o paciente vê que quem lhe barra o caminho não é pai e mãe, mas sim ele próprio, isto é, uma parte inconsciente de sua personalidade que continua desempenhando o papel de pai e mãe (p.52).

Acredita-se que este trabalho proporcionou espaço de reflexão sobre a traição, enquanto fenômeno psíquico, e oferece subsídios para um trabalho clínico de ampliação da consciência e resgate do significado da vida. Além disso, oferece embasamento teórico para futuras investigações, realizando-se, por exemplo, estudos de casos que permitam observar o fenômeno e suas implicações no processo de individuação dos envolvidos.

Na maioria das vezes em que se ouve a palavra traição, assim como ocorreu neste trabalho, ela é associada aos relacionamentos amorosos. No entanto, a traição pode ocorrer em qualquer contexto onde existam parcerias: na família, na amizade, no trabalho e na política, dentre outros.

Diversos motivos podem levar à traição em família, comum entre irmãos devido à competitividade ou a ciúmes, ou ainda nas situações que envolvem herança ou disputas de cargos em negócios da família.

Nas relações de amizade em geral ocorre identificação com o outro e alguém pode sentir-se traído ao descobrir que seu amigo não é exatamente como ele imaginava. A traição pode ainda ocorrer objetivamente, nos casos em que um amigo se relaciona com o parceiro do outro.

No ambiente de trabalho a traição pode ocorrer entre colegas, devido à competição e à disputa pelo poder; entre sócios, por exemplo, quando um deles abre secretamente outra empresa para concorrer com a que já é sócio; quando alguém trai a própria empresa e, atuando como espião, entrega informações confidenciais a concorrentes.

Na política a traição ocorre quando se ignora as próprias convicções realizando alianças políticas com partidos concorrentes, com o objetivo de vencer as eleições. Além disso, muitos políticos traem a si mesmo e aos eleitores quando fazem promessas que não poderão cumprir depois.

Os avanços da informática trouxeram novos paradigmas de traição. A Internet tornou-se um meio de comunicação muito poderoso a partir do qual se costuma trair sem culpa, pois os envolvidos se sentem protegidos pelo anonimato. Por meio de sites de bate-papo - messenger, orkut, facebook - as pessoas iniciam um contato que pode resultar em amizades ou em relacionamentos amorosos, podendo ocorrer até mesmo o sexo virtual, que pode ser considerado uma traição virtual.

A internet favorece também a traição a si mesmo quando a pessoa deixa de ter contato consigo mesma e com a realidade passando a identificar-se com os personagens que cria para se comunicar via internet.

Sugere-se a realização de pesquisas abarcando outros contextos em que a traição pode ocorrer – amizade, trabalho, política e família -, bem como



considerando-se os novos paradigmas de traição que o advento da internet proporciona.

## REFERÊNCIAS

- AVENS, R. **Imaginação é realidade**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- CAROTENUTO, A. **Amar Trair: quase uma apologia da traição**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- CAROTENUTO, A. **Eros e Pathos: amor e sofrimento**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- COSTA, D. F. C. **As imagens do inconsciente no brincar de uma criança em psicoterapia: um entendimento junguiano**. Trabalho final de graduação em psicologia. Centro Universitário Franciscano. Santa Maria: 2004.  
Acesso em: 30 jul. de 2010. Disponível em:  
[www.symbolon.com.br/102004/monoformat](http://www.symbolon.com.br/102004/monoformat)
- \_\_\_\_\_. **Eros e Pathos: amor e sofrimento**. 2.d. São Paulo: Paulus, 2005.
- EDINGER, E.F. **Ciência da Alma: uma perspectiva junguiana**. São Paulo: Paulus, 2004.
- HILLMAN, J. **Suicídio e Alma**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- HILLMAN, J. **Uma busca interior em psicologia e religião**. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- HOLLIS, J. **Os pantanais da alma: nova vida em lugares sombrios**. São Paulo: Paulus, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Sob a sombra de saturno: a ferida e a cura dos homens**. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- JUNG, C. G. **A natureza da psique**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1971.
- \_\_\_\_\_. **Psicologia e religião**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- \_\_\_\_\_. (org.). **O Homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002a.
- \_\_\_\_\_. **O desenvolvimento da personalidade**. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2002b.
- \_\_\_\_\_. **Fundamentos da psicologia analítica**. 12.ed. Petrópolis: Vozes, 2004a.
- \_\_\_\_\_. **A prática da psicoterapia**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2004b.
- \_\_\_\_\_. **O eu e o inconsciente**. 18.ed. Petrópolis: Vozes, 2004c.

- \_\_\_\_\_. **Psicologia do inconsciente**. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Símbolos da transformação**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2007b.
- \_\_\_\_\_. **O símbolo da transformação na missa**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2007b.
- NASSER, M. C. Q. C. **O que dizem os símbolos?** São Paulo: Paulus, 2003.
- PATTIS, E. **Aborto perda e renovação: um paradoxo na procura da identidade feminina**. São Paulo: Paulus, 2001.
- PIERI, P. F. **Dicionário Junguiano**. São Paulo: Paulus em co-edição com Vozes, 2002.
- RUBEDO. **Dicionário Crítico de Análise Junguiana**. Disponível em: <http://www.rubedo.psc.br/dicjung/verbetes/compensa.htm>  
Acesso em: 02 de agosto de 2010.
- SANFORD, A. J. **Os parceiros invisíveis: o masculino e o feminino dentro de cada um de nós**. 9.ed. São Paulo: Paulus, 2006.
- SHARP, D. **Conhecendo a si mesmo: o avesso do relacionamento**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- SILVA, A.L.P.; SOARES, D.H.P. A Orientação profissional como rito preliminar de passagem: sua importância clínica. **Psicologia em Estudo**. Maringá. v.6; n.2; p. 115-121, jul./dez. 2001.
- SILVEIRA, N. **Jung: Vida e Obra**. 20. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- \_\_\_\_\_. **O Mundo das Imagens**. São Paulo: Ática, 1992.
- STORR, A. **Solidão**. São Paulo: Paulus, 1996.
- WHITMONT, E. C. **A busca do símbolo: conceitos básicos de Psicologia Analítica**. São Paulo: Cultrix, 2000.
- WOODMAN, M. **A virgem grávida: um processo de transformação psicológica**. São Paulo: Paulus, 1999.